BRINCAR É PRECISO

Ângela Vargas¹

Lucia Schmitt²

RESUMO

Este trabalho procura refletir sobre o brincar, partindo das observações sobre as brincadeiras das crianças realizadas durante o estágio e a articulação dessas com alguns teóricos que têm se dedicado ao estudo da brincadeira, da infância e da Educação Infantil. Foi possível, através dos registros de estágio e das observações vivenciar muitos momentos em que os dois grupos, 3A e 3B, brincavam incorporando objetos e criando personagens em suas brincadeiras. Desse modo, procuramos focar a brincadeira do faz-de-conta, refletindo sobre a sua importância para as crianças na primeira infância, e que possibilidades ela nos traz na ampliação das experiências infantis. Outro aspecto relevante neste artigo é refletir sobre a prática do professor na Educação Infantil, sendo que, através de nossas observações sobre o brincar das crianças percebemos o envolvimento das professoras nas brincadeiras das crianças.

Palavras-chave: Brincadeira – Infância – Papel do Professor.

INTRODUÇÃO

Este artigo foi desenvolvido, a partir da experiência de estágio supervisionado em educação infantil – Curso de Pedagogia - realizado no primeiro semestre de 2005 no Núcleo de Desenvolvimento Infantil – NDI.

Os grupos no qual estávamos inseridas, no primeiro semestre de 2005, era formado por crianças com idades entre dois anos e sete meses a três anos e sete meses, sendo que cada turma é composta de nove crianças.

¹ Acadêmica da 8ª fase do Curso de Pedagogia - Habilitação Educação Infantil da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – email angelavargas@grad.ufsc.br

² Acadêmica da 8ª fase do Curso de Pedagogia Habilitação Educação Infantil da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – email Lucia.schmitt@bol.com.br

A recorrência constante das crianças pela brincadeira do faz-de-conta, dentro destes grupos, fomentou a reflexão acerca deste tema. Para aprofundarmos nossa análise, buscamos fundamentação nas produções de alguns teóricos que discutem este assunto.

No processo de observação participante, procuramos utilizar instrumentos de pesquisa (fotografia, registros escritos, referencial bibliográfico), que pudessem revelar os momentos de brincadeiras das crianças, no qual se faziam presentes falas, expressões, gestos, atitudes, comportamentos e ações, entre outras questões que compõe o cotidiano de crianças inseridas numa instituição de educação infantil. Ou seja, as crianças eram portadoras de movimentos, caras, gestos, sons, uma infinidade de linguagens. Dessa forma, procuramos olhar com maior intensidade e intencionalidade como e do que as crianças brincam; quando, onde e com quem brincam. Direcionando o olhar sobre as brincadeiras das crianças, tentamos enxergar além do visível, com curiosidade e descoberta.

Os instrumentos utilizados no decorrer de nosso estágio, procuraram abranger diversos momentos de brincadeiras das crianças. Registrando suas manifestações expressivas, buscamos conhecer como essas vivem a infância no contexto das instituições de Educação Infantil, bem como promover o debate sobre o papel do educador junto às crianças na relação com suas brincadeiras.

Fazendo análise dos registros escritos e fotográficos, percebemos que o brincar de faz-de-conta era o eixo norteador das atividades do grupo três. Então, lançamos mão das seguintes questões: qual o sentido do brincar para a criança pequena? Por que ele é tão importante na infância? Qual é o papel do professor na relação com esse brincar?

Para discutir estas questões, estruturamos o texto de modo que, inicialmente, abordamos sobre o conceito de infância historicamente produzido, apresentando as crianças dos grupos 3A e 3B, a seguir, discorreremos sobre o brincar de faz-de-conta, seu sentido educativo e o papel do adulto/professor de Educação Infantil no desenvolvimento das brincadeiras das crianças.

2. A INFÂNCIA QUE CONHECEMOS E AS INFÂNCIAS QUE ESTAMOS CONHECENDO

A infância foi concebida e tratada de formas diversas em diferentes momentos e lugares da história da humanidade. Conforme Lajolo (1997, p. 227) "são tantas as infâncias quantas forem as idéias, práticas, discursos que se organizam em torno e sobre ela". A infância é uma categoria que existe no espaço social em que é estabelecida, negociada, desestabilizada e reconstruída no decorrer da história da humanidade.

Na idade medieval a criança era considerada objeto de tutela da mulher, podendo estas serem as mães ou amas. E logo que não necessitava mais de cuidados ingressava no mundo adulto, sem distinção. Por volta do séc. XVI, o sentimento de infância surge como dócil. A criança é tida como ingênua e inocente, e quem as cercam devem zelar por elas. No séc. XVII outra idéia de infância surge na sociedade, na qual a criança passa a ser vista como alguém a ser moldada, educada, ensinada.

Segundo Ghiraldeli (2000), no final do séc XVIII até o início do séc XIX a infância era descrita como algo natural, um período de inocência, na qual a criança estaria desprovida da razão por não dominar a linguagem falada, ao passo que adquirisse tal linguagem passava a não mais ser vista como inocente.

Com a inserção das mulheres no mercado de trabalho, as crianças com pouca idade eram obrigadas a acompanhá-las em suas jornadas. Surge então, a luta por criação de locais onde as crianças deveriam permanecer enquanto as mães estavam trabalhando. Sendo que esses locais surgiram com caráter de guarda e assistência. A proteção à infância surge no final do séc. XIX, impulsionado por várias associações e instituições para cuidar de crianças sob diferentes aspectos: saúde, sobrevivência, educação e instrução. E é assim que os cuidados da infância passam a ser um aspecto consolidado. No entanto, inicialmente, esse cuidado em instituições coletivas estava relacionado ao direito da mulher trabalhadora, não era ainda direito da criança. O direito a educação infantil somente foi legitimado como direito da criança do final do séc. XX,

mais precisamente, a partir da Constituição Federal do Brasil de 1988, e passa-se a discutir e exigir que os direitos legalizados se tornem reais na sociedade. Arroyo (1994, p. 89) nos diz que:

Durante muitos séculos a infância não foi sujeito de direitos, ela era simplesmente algo a margem da família, considerada como um vir a ser. Só era considerada sujeito quando chegava a idade da razão. A igreja, durante muito tempo, também pensou assim. Hoje a criança, pelo seu momento social, já é considerada como alguém que tem sua própria identidade, seus direitos.

Nesse sentido, é importante reconhecer que a educação infantil como direito da criança, somente é promulgada porque a sociedade avançou na forma de conhecer a criança e as infâncias: de objeto de tutela a sujeito de direitos, de tempo de preparação para tempo com valor em si mesmo.

Dando continuidade na reflexão sobre infância, é importante levar em conta os contextos em que a criança se inserem, tendo em vista, as diversas infâncias existentes. Sendo que a criança de uma área rural tem uma infância diferente de uma do meio urbana, assim como, a infância de uma criança rica é diferente de uma criança pobre. Por isso, é coerente falar em “infâncias”, no plural.

Para Sarmiento (2004, pág. 23). "o mundo da criança é muito heterogêneo, ela está em contato com várias realidades diferentes, das quais vai aprendendo valores e estratégias que contribuem para a formação de sua identidade pessoal e social".

Ao refletir sobre a infância percebe-se também o seu caráter de construção histórica, nas relações sociais estabelecidas. Então, não podemos dizer que há um conceito único de infância e de criança, pois as diferentes culturas nas diferentes épocas influenciaram diretamente na construção deste conceito:

A idéia de infância, como se pode concluir não existiu sempre, e nem da mesma maneira. Ao contrário, ela aparece com a sociedade capitalista, urbano-industrial, na medida em que mudam a inserção e o papel social da criança na comunidade. Se, na sociedade feudal, a criança exercia um papel produtivo direto (“de adulto”) assim que ultrapassava o período de alta mortalidade infantil, na sociedade burguesa ela passa a ser alguém que precisa ser cuidada, escolarizada e preparada para uma atuação futura. (KRAMER, 1992:19)

Neste mesmo pensamento Arenhart (2003), ao discutir também sobre a infância na modernidade nos diz que:

a compreensão sobre o ser criança foi sendo construída pela negatividade: se a criança é um ser de não razão, ela também não fala, não trabalha, não pensa, não participa... É com base nessa concepção de criança e de infância enquanto tempo de espera e preparação, sem valor nela mesma, que a escola, desde o século XVII, tem justificado seu papel. Assim, ao mesmo tempo em que o surgimento da escola legitima a diversidade da infância, essa instituição acaba sendo mais um espaço de cerceamento, homogeneização e negação da condição infantil.

Isso não quer dizer que a criança seja um sujeito incompleto. GEERTZ (1989) nos diz que todo o ser humano (criança, jovem, adulto, velho) irá desenvolver/construir sua identidade mediante os padrões culturais existentes no seu meio social. Neste pensamento Oliveira (2000. p. 5) afirma " que não se pode dizer que a criança é melhor ou pior que o adulto, ou que é menos experientes que estes, **pois ela pensa e experiência a vida de maneira diferente do adulto**". (grifos nosso)

Portanto, atualmente se busca construir uma concepção de infância, Alicerçada no respeito as especificidades das crianças, ou seja, " a sua consideração como uma categoria social legitimada (...) isso implica em construir outros conhecimentos com as crianças acerca de seus mundos de vida, pela ruptura com noções de poder unilateral entre adulto e criança" Ferreira (2004, p. 90). Atualmente entendemos que a criança não é inferior ao adulto e sim diferente, possui uma especificidade. Para Sarmento (1997, p. 20):

A consideração das crianças como actores sociais de plenos direitos, e não como menores ou como componentes acessórios ou méis da sociedade dos adultos. Implica o reconhecimento da capacidade de produção simbólica por parte das crianças e a constituição das suas representações e crenças em sistemas organizados, isto é, em culturas.

Considerando a infância como construção permanente, queremos fazer algumas reflexões no sentido de buscar compreender os elementos constitutivos do ser criança. Sabemos que a criança é um ser de direitos, dentre eles o brincar. Então, estamos discutindo este ser lúdico e imaginativo, considerando suas características próprias,

aprofundamo-nos mais especificamente na brincadeira do faz-de-conta, pela qual, a criança cria e recria seu mundo a todo momento.

2.1 CONHECENDO UM POUQUINHO A TURMA....

A escolha pelo grupo 3 se deu pela vontade de querer conhecer como é o trabalho com as crianças bem pequenas, buscando compreender os seus enredos, suas descobertas, seus conflitos, enfim, suas vivências dentro da instituição de educação infantil. Este grupo tem 18 crianças no período vespertino, divididos em duas turmas 3A e 3B, sendo cada uma com 9 crianças. Na turma, a professora conta com a ajuda de uma bolsista.

Em relação as crianças, elas demonstraram em muitos momentos serem brincalhonas, lúdicas, imaginativas, curiosas, e se movimentavam muito pelos diversos espaços organizados pelas professoras, que deixavam transparecer através de sua prática educativa a preocupação com as crianças, permitindo que o tempo ali vivido pelas mesmas fosse prazeroso, com gosto e sabor de infância.

Sobre o aspecto físico das salas, foi possível perceber a diversidade de lugares (cantinhos), possibilitando muitas vivências acontecendo no mesmo espaço e no mesmo tempo, favorecendo as experiências e despertando a imaginação das crianças.

Outro aspecto importante das salas é a maneira como estão organizados os brinquedos e os móveis, sendo que todos estão ao alcance das crianças.

Cada sala tem cabides para pendurar a mochila de cada criança; um espelho; uma estante com brinquedos diversos; um tapete com almofadas. O espaço favorece o experimento das infâncias, despertando a imaginação das crianças.

A professora do grupo 3A, tem 28 anos de idade, formada em Pedagogia – Educação Infantil, com pós-graduação em nível de especialização em Educação Infantil. Possui 9 anos de experiência com a Educação Infantil, sendo um ano e sete meses nesta instituição. Com carga horária de 40 horas semanais, permanece em sala 20 horas e 20 horas está em aperfeiçoamento.

A professora do grupo 3 B, tem 25 anos de idade, formada em magistério pelo Coração de Jesus e em Pedagogia habilitação Educação Infantil e Séries Iniciais do

Ensino Fundamental, pela Universidade do Vale do Itajaí. Possui cinco anos de experiência, um ano com a 1ª série do ensino fundamental e quatro com educação infantil. Está na instituição a um ano e sete meses. Com carga horária de 40 horas semanais, permanece em sala 20 horas e 20 horas está em aperfeiçoamento.

3. MISTURAS QUE ENRIQUECEM: REALIDADE – FANTASIA - TEORIA – PRÁTICA

Alguns estudiosos, atualmente, vem discutindo a importância da brincadeira para o desenvolvimento infantil, reconhecendo-a como fato social e direito da criança, o que nos aponta para uma caminhada que precisa avançar para garantir isto a infância.

Segundo Fantin (2000), através da brincadeira, a criança se expressa sobre como vê e pensa do e sobre o mundo, ou seja, quando se brinca, pode-se criar uma situação imaginária a partir de vivências e de trocas vividas naquele contexto. Kishimoto (2002) indica que através da brincadeira as crianças lidam com complexas dificuldades psicológicas, como o medo, dor, perda, etc. Normalmente as crianças escolhem brincadeiras ligadas ao seu meio, escolhem temas que aparecem no seu cotidiano. Este fato foi presenciado no registro da turma 3A:

Na quarta feira quando cheguei na sala as crianças estavam brincando no tapete com alguns bichinhos de plástico. A professora se sentou do lado do berço e falou: "- eu estou escutando um neném chorando!" J.³, A., I. B., S. D. e L. se aproximaram. B. disse: "- o neném qué dumi!" cada criança pega uma boneca. [...] I. esta sentada com uma colher de plástico na mão e uma boneca, que esta no chão em sua frente. Cada vez que coloca a colher na boca da boneca diz: "- papá, papá." A. está com uma boneca no seu colo, com uma faca de plástico faz gestos de que esta dando comida pro neném. Num outro momento observo B. estendendo uma capa no colchonete, S. se aproxima e pergunta: "- que tá fazendo b.?" B. responde: "-eu tô arrumando pá naná". J. se aproxima e deita no colchonete. B. com as mãos na cintura diz: "-J. da cença, pu favo da lenca"(J. dá licença por favor dá licença), S. olha e diz: "- sai J. que o neném vai naná." J. levanta sorrindo e vai pegar uma boneca. B. estende a capa e deita, S. também. S. começa a dar tapinhas na bunda de B. dizendo: "- dome neném dome." B. sorri. S. pergunta se B. que fazer xixi, ela diz que não, S. então pergunta: qué bota fauda? qué? não pode fazer xixi na cama tá B." (fragmento do registro de Ângela Vargas no dia 27.04.2005)

³ Nos registros apresentados neste artigo, será apresentado somente as iniciais do nome das crianças, para preservar sua identidade.

Neste tipo de brincadeira, segundo Japiassu (1999, p.11) a criança exterioriza tanto a fala da "mãe" como a vontade da "filha". Sua voz é emprestada à boneca para poder dialogar imaginariamente com sua "filha". Trata-se de um comportamento de grande complexidade porque a criança torna-se capaz de tomar a perspectiva de um interlocutor imaginário, alternando sua atuação dramática em diferentes papéis ou personagens. Segundo Vygotsky (1996^a: 125):

"A criança imagina-se como mãe e a boneca como criança e, dessa forma, deve obedecer às regras do comportamento maternal.(...) Sempre que há uma situação imaginária no brinquedo [faz-de-conta], há regras - não as regras previamente formuladas e que mudam durante o jogo, mas aquelas que têm sua origem na própria situação imaginária. Portanto, a noção de que uma criança pode se comportar em uma situação imaginária sem regras [assimilação deformante] é simplesmente incorreta."

Diante disso, percebe-se que, embora o jogo de faz-de-conta seja caracterizado pela dimensão imaginária, esta tem vínculo com o real. Pois, no espaço das ações lúdicas, a criança reelabora suas vivências cotidianas.

Pode-se dizer que a brincadeira possibilita à criança sair do mundo real para um mundo imaginário mais desejável, além de descobrir outros mundos. De acordo com Fantim, ao brincar, ela pode resolver problemas do presente, do passado e os que se projetam para o futuro, revela necessidades e estabelece um canal de comunicação com o mundo adulto. Através da brincadeira a criança realiza sonhos que pareciam impossíveis de realizar.

Ainda Fantim nos diz que as brincadeiras possibilitam a socialização, a interação, sendo que através delas é possível a criança fazer apropriação cultural. Neste sentido, não se pode dizer que a brincadeira é natural, espontânea da criança. Ela acontece num contexto social e cultural, uma vez que aprende-se a brincar através das relações interindividuais, dentro de uma determinada cultura.

Ao registrarmos as brincadeiras realizadas pelas crianças durante o estágio, mais especificamente o faz-de-conta, foi possível notar o vínculo com o real, o vivido, o já conhecido, porém, também observamos a "transgressão" deste, criando outras possibilidades de viver este real de forma criativa e inovadora. Ou seja, a criança se

apropria dos elementos de sua cultura dando outros significados. Para Coutinho (2002, p. 12):

a imaginação infantil é capaz de transformar, de recriar, de ressignificar a partir do que há no real. A cultura e a sociedade disponibilizam conhecimentos que impreterivelmente chegam até a criança, no entanto o seu jeito de olhar e ressignificar as informações permite que ela vá além, que ela crie.

Ferreira (2004, p.63), afirma que as crianças, durante suas ações, “introduzem inovações quer nas regras, quer nas suas seqüências, atualizando-as”, dando outros significados em face de novos contextos, na relação com os outros indivíduos. A criança ao ressignificar cria e recria sua própria cultura, a cultura infantil. Novamente Coutinho (2002, p. 13), vem afirmar que:

o faz-de-conta possibilita que se viva tudo em qualquer tempo, talvez por isso que os adultos não sejam mais tão crianças aponto de saber tudo (...) pois secundarizam a fantasia em detrimento de uma lógica capitalista, (...) perdendo cada vez mais cedo o seu espaço de vivência (...) Na contramão das imposições sociais encontramos as crianças criando e vivendo a sua ludicidade no interior das instituições.

Também para Vygotski (apud REGO, 1995) “a brincadeira infantil deve ter seu lugar garantido no cotidiano...” e, para isso é fundamental a atuação do educador. É importante que as crianças tenham espaço para brincar e liberdade para agir, podendo modificá-lo.

Como fazemos parte de uma sociedade “adultocêntrica”, atualmente busca-se construir uma concepção de infância diferente da então historicamente já vivida, cuja a preocupação maior é a própria criança nas várias dimensões que constitui o humano.

Nesta perspectiva, no nosso envolvimento com as crianças dos grupos 3A e 3B vespertino durante o estágio, notamos que elas brincavam dando outros significados a objetos, inserindo personagens que estavam ausentes na concreticidade, mas, faziam parte do enredo nas brincadeiras. Para exemplificar, apresentamos partes de registros escritos e o registro fotográfico, que foram produzidos durante o estágio:

Quando eu chego na sala, as crianças estão sentadas com a professora vendo livros de histórias infantis. E². bate toc, toc, toc na mesa com a mão e diz: “abra, vô sopra”. A professora mostra o lobo e fala: “abre a porta se não eu vou soprar”. E. sai correndo e entra numa casinha encortinada com papel que tem na sala. E². se levanta e vai até a casinha e pergunta: “quem táí”? E. fala: “é o lobo”.

L. diz: “Não é o lobo é a E.”. No outro canto da sala J. brinca com a boneca Mônica, pega um telefone de brinquedo e age como se estivessem falando com alguém (não dá para entender o que ela está dizendo, acho que com a minha presença ela ficou tímida). Em seguida solta o brinquedo e sai. E. pega então o brinquedo e diz: “ vô fala com a mamãe”. Disca alguns números coloca o telefone no ouvido e diz: “oi mãe, tô brincando com a mini. E. pega um outro telefone e diz: oi pai, oi pai, tô brincando com a amiga, tchau”. A professora chama as crianças e diz: “vamos pintar o chapéu do pirata”? as crianças sentam e pintam o chapéu. L. segura uma boneca enquanto pinta o chapéu e diz: esta boneca é minha. T. mostra o chapéu para a professora. A professora diz: “que lindo”,. Todas as crianças mostram o chapéu e a professora diz: “está muito lindo, que desenhos lindos vocês pintaram, que legal”. E². diz: “quero o verde”. J. diz: quero o vermelho. E². para de pintar pega o telefone e diz: “oi mãe”. E. pega o telefone também e diz: “oi mãe, oi mãe,”. A professora coloca o chapéu na cabeça de cada criança. Elas vão até o espelho, pulam, gritam e dão risadas. Em seguida a professora diz: “vamos crianças, o barco está nos esperando”. (todas saem e vão ao parque) as crianças ao chegarem no parque sobem e sentam. J. aponta com o dedo e diz: “ tem uma baleia”. A professora fala: “o capitão vai dirigir o barco”. M. corre na frente de todos e diz:” sou capitão, segurem que vem a onda, a baleia mergulhou, foi pro outro lado”. E². diz: “sai baleia”. M. pula e diz:” o mar tá agitado”. A professora diz: “vamos na ilha”. M. fala: “ a gente ainda não chegou, o mar tá agitado”. Enquanto isso, L. e J. brincam na areia. Elas brincam de fazer bolo. Colocam areia num copo, batem palmas dizendo:” parabéns pra você.....”E. fala: “vamos fugir daqui tem baleia e tubarão”. A professora diz: “vamos até a ilha do Campeche”. Todos saem correndo e sobem num tronco de árvore. M. diz: ‘chegamos”. A professora fala: quanta coisa bonita tem aqui, olha o peixinho, olha a água, que limpinha”! (Lucia, registro escrito em 31/03/2005, grupo 3^A).

D e acordo com estas situações, nota-se como o brincar proporciona a criança distanciar-se do objeto real, dando uma série de modificações e reinterpretações, criando outros significados, transformando o vivido, fazendo inovações. Bontempo, (2002, p. 69) afirma que a capacidade de imaginar que a criança constrói na brincadeira envolve “uma mistura de realidade e fantasia, em que o cotidiano toma outra aparência, adquirindo um novo significado”.

4. QUEM EDUCA QUEM? QUEM BRINCA COM QUEM?

O tema aqui focalizado no âmbito da brincadeira do faz-de-conta, apesar de sua especificidade, procura refletir sobre a relevância desse educador na esfera educacional, mais especificamente, na educação infantil, Considerando a importância de como o brincar é inserido nas iniciativas e ações educativas para a infância. Entendemos que o brincar não deve ser no sentido normativo e instrumental

pedagógico, mas sobretudo, valorizada pela riqueza das experiências que a criança vivencia através da brincadeira.

Diante deste contexto surgiram algumas questões: que postura o professor deve ter frente o brincar? É importante sua participação na brincadeira? Por quê? De que maneira o envolvimento do professor pode enriquecer ou não o brincar das crianças?

Neste sentido foi possível compreender o eixo norteador da prática das professoras. Percebeu-se que elas davam um significado à brincadeira naquele espaço de educação infantil, “um olhar sensível” para este tema, encarando-o como um espaço lúdico e de aprendizagem.

Para exemplificar segue abaixo o registro:

A professora do grupo 3^A, pega uma bola e diz: vamos ao parque. Chegando no parque, a professora com a Julia, o C., a J. e o E². sobem e ficam sentados na casinha; C. leva areia e faz bolo e diz: “é pra baleia”; E. está no balanço; M. pega a bola e chuta; Julia diz: “é figueira, é figueira”. Enquanto isso, B. e E. brincam em silêncio na areia; elas enchem baldes e potes de areia. E². entrega um vidro cheio de areia à professora e diz: “olha, um bolo”. A professora pega o “bolo” e faz que come e diz: “que gostoso”; Julia corre até o M. e chuta a bola; J. sobe a escada do “parquinho” olha para a professora e diz: “quero ir no barco”. A professora fala: “sobe”. Julia sobe a escada segurando uma xícara de areia e diz: “comida pra baleia”. A auxiliar S². está debaixo da escada e grita: “socorro, socorro”. A professora fala: “a S². está se afogando, joga a bóia Julia”. Julia movimentava os braços para cima e para baixo, pra lá, pra cá; S². diz: “estou salva”. Enquanto isso, L. enche um copo de areia. S². fala: “está fazendo bolo L.”? L. responde: “de chocolate”; S². canta: “parabéns pra você.....”; eu coloco um galho sobre o bolo de L. dizendo: “vamos colocar uma vela no bolo”. L. sopra e diz: “a vela apagou”; Julia e C. também fazem bolo na areia e dizem: “canta parabéns”. S². canta: “parabéns pra você.....E². sobe a escada do parquinho; M. pega a pá e enche um pote de areia; B. desce no escorregador; L. vira o pote de areia e aponta com o dedo; S². diz: “que delícia”. L. sorri. Julia diz: tô fazendo suco de uva enquanto enche o balde com areia. E., B., E²., L. e J. correm e sobem no balanço. A professora balança-os e canta: “balança pra lá, balança pra cá, balança bem alto que as crianças vão voar. As crianças dão gargalhadas.....Julia, C., J., M., E². e E. correm e entram na casinha. S². bate: toc, toc, toc e diz: “oi gente quem tá aí”? J. diz: “é a buxa”. As crianças saem correndo e sobem no escorregador. B., L. e E². voltam a brincar na caixa de areia. Julia coloca uma porta na entrada do escorregador. (Lucia, registro escrito em 07/04/2005, Grupo 3A).

Fantim (2000, p. 99) nos chama a atenção a respeito da postura e da proposta do educador frente as brincadeira:

que o adulto seja elemento integrante das brincadeiras, ora como observador e organizador, ora como personagem que explicita, questiona e enriquece a trama, ora como elo de ligação entre as crianças e objetos – sendo assim um elemento mediador entre as crianças e o conhecimento.

A partir, destas indagações, os registros de observação foram direcionados tanto para a prática pedagógica da professora quanto para um olhar sobre as crianças, procurando compreender suas interações nos espaços e com outras crianças; suas brincadeiras individuais e em grupos.

Foram vivências significativas, que nos fez sentir o gosto do movimentar-se neste universo infantil, lançando-nos a responsabilidade de garantir às crianças a dimensão do lúdico; da humanização; de ser gente; de ser sujeitos. Isto foi observado na prática das professoras dos grupos 3^A e 3B que se colocavam na relação:

eu-comigo, eu-contigo, nós-com eles, todos juntos... abrindo-se para o novo, para o crescimento, para o aprendizado coletivo, deixando se envolverem pelas alegrias, realidade, fantasia, ternura e seriedade vividas naquele espaço com as crianças. Notou-se que, as suas práticas foram reveladoras de suas intencionalidades educativas (OSTETTO, 2000, P.10).

Desse modo, observamos que o espaço no qual as crianças permanecem por um período, não é delimitado, e procura contemplar o direito da infância pela experiência da brincadeira, Segundo Agostinho (2003,p 89), que analisou o que as crianças queriam para o espaço da creche, revela: “ que as crianças querem um lugar de brincadeira, um lugar com variadas brincadeiras, onde possam se expressar, saborear a liberdade de suas criações; nesse espaço querem estar entre seus pares, gostam e **precisam da presença do adulto (...)**”. (grifos nossos)

Outro aspecto importante que foi observado e que vale a pena ressaltar relaciona-se ao fato das crianças não precisarem ficar todas juntas, fazendo a mesma atividade, no mesmo momento. Isso ficou claro no registro do dia 14.04.2005, pois:

No solário as professoras arrumam cinco espaços diferentes, uma mesa forrada com papel para as crianças desenharem, um tapete com várias almofadas, um escorregador, uma casinha e no meio, ao lado do cercado, duas caixas formando um espaço diferenciado, onde as crianças poderiam brincar segundo duas vontades. D. e L. estão no escorregador. A., J., B. e S. estão pintando com giz de cera. H. está sentado do lado da professora vendo um livro sobre meios de transporte. S. vem senta ao nosso lado, H. diz: “- *cuidado co livro S.*”, Ela olha para H. e volta a beber água. D. vai brincar na casinha leva uma panela e

fica lá dentro. H. e A. vão para o escorregador. S., R. e B. brincam de correr de um lado para o outro.

J. estava no pinico. Quando levantou R. sentou. A professora levou o pinico para o banheiro e o H. para fazer xixi. Quando a professora voltou J. sentou no pinico novamente. D. começa a chorar chamando pela mãe. Até que sentou em um banquinho e ficou ali segurando as mãos por vários minutos. S. puxou A. pela mão, está a empurrava, pedi para S. largar a amiguinha, mas está não largou, então B. veio e segurou a mão da S. falando: "-vomo brinca?" S. larga A. e sai de mãos dadas com B.. Novamente as crianças estão divididas em grupos. J., S., L. e I. brincam no escorregador, B. está pintando com giz de cera, A. brinca na casinha. A professora nos convida para assistir o teatro da PITUCHINHA, que será apresentado no auditório. (*fragmento do registro de Ângela Vargas no dia 27.04.2005*)

Isso acontece porque as professoras não têm papel "centralizador", mas sobretudo, por que colocam-se no papel de "facilitador" nas interações das crianças, para que elas possam desenvolver a linguagem, possibilitando que a brincadeira aconteça por meio de diversas maneiras e nos diversos espaços; deixando se envolver pelas fantasias, sentindo fazer parte do grupo infantil e compartilhando a construção de sua identidade enquanto profissional e também a das crianças.

Porém, o que define o envolvimento do educador nas brincadeiras com as crianças, "é a sua formação, sua concepção de educação, de criança, e de brincadeira. Reconhecendo que o brincar é uma veia de imaginação, fantasia e espaço para o conhecimento, em que a criança expressa a rica complexidade de seu imaginário". (FANTIN, 2002, p.100).

Coutinho (2002, p. 13) também nos afirma que, "brincar com as crianças é uma maneira de conhecê-las". Desse modo, estamos estabelecendo mais um canal de comunicação; "uma abertura para o diálogo" com o mundo infantil dentro do universo adulto.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A respeito do assunto abordado neste trabalho, queremos deixar algumas reflexões sobre a brincadeira na infância, bem como, o papel do professor frente ao brincar. Consideramos a brincadeira como uma necessidade da criança, e como tal,

precisa ser garantida a ela. Através da brincadeira, a criança é capaz de criar um mundo cheio de imaginação e fantasia, no qual uma mesa se transforma no que ela quiser, criando e representando coisas, objetos, etc. É também na brincadeira que a criança usa diferentes linguagens como sons, gestos, palavras e posturas, para representar suas experiências. Porém, estas não são “naturais/ automáticas”, mas resultado das interações estabelecidas.

Neste sentido, é fundamental que os professores possibilitem o brincar às crianças, respeitem os direitos da infância e contemplem em suas práticas educativas o espaço para a brincadeira. Desse modo, o tempo de ser criança, o direito de viver a infância em toda a sua plenitude, com todo sabor e gosto é contemplado no espaço da instituição de educação infantil, construindo assim, sujeitos felizes e brincantes. Isso nos faz pensar com seriedade sobre o quanto é significativo estar pensando na organização do espaço para as crianças pequenas Para que as mesmas possam contemplar seus desejos, num clima prazeroso e gostoso que é a brincadeira.

Ao nosso ver, o papel de professor enquanto mediador, organizador do tempo da criança dentro da instituição Infantil é fundamental, pois presenciamos no decorrer do estágio diversos momentos em que as professoras se colocavam, se envolviam no universo infantil, cheio de surpresas e de descobertas, formando um “eu comigo, eu contigo, nós com eles, todos juntos....e abrindo-se para o novo, para o crescimento, para o aprendizado coletivo”(OSTTETO,2000, P. 10).

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

AGOSTINHO, Kátia Adair. Pensando o espaço físico das instituições de Educação Infantil. In_____: **O espaço da creche: que lugar é este?** Florianópolis, SC. Dissertação (Mestre em Educação) – UFSC, 2003.

BRASIL. REFERENCIAL CURRICULAR PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL. v. 1, Brasília: MEC/SEF, 1998.

CERISARA., Ana B.. **Educar e Cuidar: por onde anda a Educação Infantil?** In_____: Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação. UFSC/CED. N. especial, p. 11-21. Florianópolis, 1999b.

COUTINHO, Ângela Scalabrin. **As crianças no interior da creche: a educação e o cuidado nos momentos do sono, higiene e alimentação.** Florianópolis, SC. Dissertação de Mestrado. UFSC – 2002.

ELKONIN, Daniil B. **Psicologia do jogo.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FANTIN, Mônica. **No Mundo da Brincadeira: jogo, Brinquedo e cultura na Educação Infantil.** Florianópolis: Cidade Futura, 2000.

FERREIRA, Maria Manuela M. Do "avesso" do brincar ou .. relações entre pares, as rotinas da cultura infantil e a construção da(s) ordem(ens) social(ais) instituinte(s) das crianças no Jardim de Infância. In: SARMENTO, Manuel J.; CERIS2., Ana B. (orgs). **Crianças e Miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação.** Porto: Edições Asa (Coleção em foco), p. 55-104, 2004.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** São Paulo: Guanabara Koogon, 1989.

GHIRALDELLI JR, Paulo. As concepções de infância e as teorias educacionais modernas e contemporâneas. In_____ **EDUCACAO E REALIDADE. Os nomes da Infância.** V 25 n.1. Porto Alegre: Rosa Maria Bueno Fischer, 2000.

JAPIASSU, Ricardo O. V. **Ensino do teatro nas séries iniciais da educação básica: a formação de conceitos sociais no jogo teatral.** São Paulo: ECA-USP, 1999 (Dissertação de mestrado).

KISHIMOTO, Tizuco Morchida. **A pré-escola na república**. In_____Pro-posições. no 3, dezembro,1990. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a Educação**. São Paulo: Cortez, 2002.

KRAMER, Sonia & BAZILIO, Luiz Cavalieri. **Infância Educação e Direitos Humanos**. São Paulo: Cortez, 2003.

LAJOLA, Marisa. **Infância de Papel e tinta**. In_____ FREITAS. Marcos Cezar de (org.) História Social da Infância no Brasil. São Paulo: Cortez, 1997.

MARANHAO, Damaris Gomes. **O cuidado como elo entre saúde e educação**. Cadernos de Pesquisa, n. 111, p. 115-133, dezembro/2000.

OLIVEIRA, Alessandra Mara Rotta de. **Do outro lado: a infância sob o olhar de crianças no interior da creche**. Florianópolis, SC. Dissertação (Mestre em Educação) - UFSC, 2001.

OLIVEIRA, Z. de M. R. **Educação infantil: muitos olhares**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Encontros e encantamentos na educação infantil**.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural de educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

SARMENTO, Manuel Jacinto & PNTTO, Manuel. A criança e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In_____ As crianças – Contextos e Identidades. Universidade do Minho/CEC, Braga – Portugal. 1997.

SCHNEIDER, Maria Luiza. O brincar como atividade humana. In _____ **”Brincar é um modo de dizer”**: um estudo do caso em uma escola pública. Florianópolis, Dissertação UFSC, 2004.

SECRETARIA DO ESTADO DA EDUCAÇÃO DE SANTA CATARINA. **Proposta curricular: educação infantil** – concepção de infância, 1998.

SLADE, Peter. **O jogo dramático infantil**. São Paulo: Summus, 1978.

TRISTAO, Fernanda Carolina Dias. **Ser professora de bebês: Um estudo do caso em uma creche Conveniada**. Florianópolis, SC. Dissertação de Mestrado. UFSC – 2004.